

# CARTA À RAINHA LOUCA: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DA MULHER COLONIAL NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

## LETTER TO THE MAD QUEEN: AN ANALYSIS OF THE COLONIAL WOMAN'S DISCOURSE IN BRAZILIAN CONTEMPORARY LITERATURE

**Adrian Henrique Mendonça Teixeira** Centro Universitário Geraldo de Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil  
f.elionar@gmail.com

**Rafael Miranda Ferreira** Centro Universitário Geraldo de Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil  
2020101937@academicougbr.com.br

**Fábio Elionar do Carmo Souza** Centro Universitário Geraldo de Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil  
f.elionar@gmail.com

**Resumo** Modernização da escola; qualidade total; adequação do ensino à competitividade do mercado; eficiência do ensino público versus ensino privado; qualificação e profissionalização dos educadores; incorporação na escola das técnicas e linguagens da informática e da comunicação. Estas são apenas algumas das palavras e expressões que remetem à ideologia neoliberal e suas implicações na área educacional. Entretanto, mesmo que estas não sejam diretamente o foco deste artigo, é interessante mencioná-las para contextualizar o problema que atravessamos. Assim, nosso objetivo é mostrar um breve levantamento da trajetória dos quadrinhos no Brasil, traçando interfaces com a cultura espanhola e a estadunidense, onde o gênero também fora usado com fins ideológicos e político-partidários, antes de ser abraçado como uma estratégia de ensino pelos materiais didáticos nas escolas brasileiras. Nesse sentido, destacamos os estudos de Fernandes (2017 e 2018), pesquisadora que tem se debruçado sobre o tema há mais de uma década, com o intuito de elucidar de que maneira as HQ vêm sendo usadas em favor de propostas políticas - algo que não é recente, nem restrito ao nosso país. Acreditamos, com isso, que este estudo - adaptado da tese doutoral de Fernandes (2018) -, possa ser de suma relevância para outros pesquisadores, sobretudo com interface nas áreas de Design, Comunicação e Educação.

**Palavras-chave** Quadrinhos. Educação. formação docente. Leitura. escola.

**Abstract** Modernization of the school; total quality; adapting teaching to market competitiveness; efficiency of public education versus private education; qualification and professionalization of educators; incorporation of computer and communication techniques and languages into the school. These are just some of the words and expressions that refer to neoliberal ideology and its implications in the educational area. However, even though these are not directly the focus of this article, it is interesting to mention them to contextualize the problem we are experiencing. Thus, our objective is to show a brief survey of the trajectory of comics in Brazil, tracing interfaces with Spanish and American culture, where the genre was also used for ideological and political-partisan purposes, before being embraced as a teaching strategy by teaching materials in Brazilian schools. In this sense, we highlight the studies by Fernandes (2017 and 2018), a researcher who has been focusing on the topic for more than a decade, with the aim of elucidating how comics have been used in favor of political proposals - something that is not recent, nor restricted to our country. We believe, therefore, that this study - adapted from Fernandes' doctoral thesis (2018) - could be of utmost relevance to other researchers, especially those with an interface in the areas of Design, Communication and Education.

**Keywords** Comics. Education. teacher training. Reading. school.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons  
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Aprovado em 28/02/2024  
Publicado em 10/04/2024

## INTRODUÇÃO

Um dos principais aspectos do que é definido como literatura contemporânea brasileira (SCHOLLHAMMER, 2009) é a mudança da ideia estereotipada do que seriam a identidade, a cultura e a própria história nacional, que deixam de ser concebidas como algo homogêneo e idealizado e passam a ser narrados como diversos, complexos e, muitas vezes, contraditórios.

No romance *Carta à Rainha Louca* (CRL), chama-se a atenção para a situação da mulher no período colonial, verificando a sua representação pelo discurso literário construído pela autora Maria Valéria Rezende e as nuances que a rodeiam.

O contexto histórico é referenciado na obra em diversos momentos, trazendo uma complexidade em que a ficção é tratada com meticuloso realismo, utilizando-se da linearidade narrativa, sucessão temporal, memória e testemunho como os elementos fundamentais responsáveis pelo efeito de realidade percebido na obra. A narrativa do romance traz consigo uma das principais características da escrita contemporânea, que é a de trazer uma nova representação de grupos historicamente marginalizados e trazê-los para um lugar de protagonismo em que podem recontar suas histórias.

No citado ensaio de Schollhammer (2009, p. 29), ele detecta uma vertente de narrativas que retomam a épica clássica, mas em roupagem contemporânea. Segundo o crítico:

Apesar de representar um retorno aos temas tradicionais da fundação da nação, da história brasileira e do desenvolvimento de uma identidade cultural, esses romances representam, ao mesmo tempo, uma reescrita da memória nacional da perspectiva de uma historiografia metaficcional pós-moderna, valendo-se da irreverência [...]. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 29)

É dentro desse lugar de recontagem e protagonismo que Maria Valéria Rezende constrói a narrativa, valendo-se de informações históricas e contextuais do Brasil Colonial para dar voz a Isabel, protagonista do romance que, segundo a própria autora, foi inspirada em uma personagem histórica real, que escreveu cartas para se defender de uma acusação da Coroa Portuguesa (ITAÚ CULTURAL, 2023). A partir disso, pretende-se demonstrar e discorrer sobre o modo com que Maria Valéria Rezende criou uma narrativa ficcional a fim de reformular uma visão histórica, através do encontro entre a ocorrência e o pensador, algo que Walter Benjamin (2012) defende ao se valer da ideia de imagem-relâmpago.

## 2 A TRAJETÓRIA DE MARIA VALERIA REZENDE

Missionária que ganhou o prêmio Casa das Américas, Maria Valéria Rezende nasceu em oito de dezembro de 1942, na cidade de Santos (SP). Escritora, educadora, tradutora e freira missionária, seu seio familiar é composto por literatos como seu tio-avô, o poeta Vicente de Carvalho, integrante da Academia Brasileira de Letras. Aos 17 anos se formou em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de Nancy. Já na cidade de São Paulo se dedicou às causas sociais ao trabalhar como dirigente nacional da Juventude Estudantil Católica (JEC) para a educação de pessoas em situação de vulnerabilidade. Forma-se uma segunda vez em Pedagogia pela PUC-SP e desde 1986 mora em João Pessoa (PB).

Recolhendo-se ao convento ainda jovem, com 24 anos, Maria Valéria buscou fugir do tradicional comportamento direcionado às mulheres de sua época, que se concentrava em atividades domésticas, no casamento e na maternidade. Entender sua vocação e a maneira como confrontou os dogmas da religião e a sociedade revelam muito sobre a sua obra, expandindo o léxico de compreensão de sua escrita.

Ao abordar questões dessa natureza, a teoria, a crítica e a escrita literária de autoria feminina nos fornecem os objetos e os instrumentos para análises que visam à compreensão dos problemas relacionados às mulheres, que, conforme afirma Beauvoir, são “herdeiras de pesado passado, e se esforcem por forjar um futuro novo.” (BEAUVOIR, 1990, p. 07)

Em 2001, aos 59 anos, a autora se lançou no mundo da literatura com a sua primeira obra ficcional, intitulada *Vasto Mundo*. Em 2014 foi a vez de *Quarenta Dias*, sendo um dos seus romances mais aclamados. Este seu terceiro romance recebeu o primeiro lugar do prêmio Jabuti 2015, foi semifinalista do Prêmio Oceanos e finalista do Prêmio Estado do Rio de Janeiro, também em 2015.

*Carta à Rainha Louca* (2019) também teve uma ótima recepção, o romance alcançou o terceiro lugar no Prêmio Oceanos de 2020 e foi finalista do Jabuti do mesmo ano, confirmando o destaque e talento da escritora quanto a suas produções literárias, sendo um romance epistolar publicado em 14 de abril de 2019 pela editora Alfaguara. Sua trama se passa no período colonial do Brasil e acompanha a protagonista Isabel das Santas Virgens, que escreve para D. Maria I, a “Rainha Louca” do título. A história foi inspirada em uma carta encontrada pela autora no Arquivo Ultramarino de Lisboa em 1982, pertencente a um pedaço dos autos de um processo incompleto, conforme revela Rezende em entrevista para o site Itaú Cultural, em maio de 2017 (ITAÚ CULTURAL, 2023). Nessa carta, revela-se que a Coroa portuguesa acusa uma mulher que, supostamente, teria fundado um convento clandestino em Minas Gerais. Em uma de suas entrevistas, a missionária nos revela sobre sua liberdade de criação ao contar uma hipótese de como teria sido a vida dessa personalidade histórica. (ITAÚ CULTURAL, 2023)

Maria Valéria relata também que o que despertou sua curiosidade por Isabel, a mulher da carta encontrada em Lisboa, foi o fato de uma carta da própria acusada ter sido preservada, documento esse que apresentava sua própria defesa. Levando em consideração a escassez de documentos que nos permitem ouvir a voz feminina em épocas em que isso era inaceitável, Rezende decidiu ocupar as lacunas das informações históricas que faltavam para saber sobre o destino e passado de Isabel. Ao fazer isso, sem a pretensão de realizar uma biografia e sim um romance, a autora abre um debate e dá voz a grupos historicamente esquecidos.

O romance chama a atenção para informações históricas que dão um toque realístico ainda maior para a narrativa, por exemplo, a proibição de tipografias no Brasil Colônia. A importação de livros era extremamente rígida e controlada pela Coroa portuguesa, assim como o ensino era centrado nas ordens religiosas e não possuía nenhum investimento público. Tudo isso fazia com que a taxa de analfabetismo no Brasil durante o século XVIII chegasse a 80% da população (MARCHELLI, 2006). Essas informações são citadas de forma mais ou menos sutil nas cartas da protagonista, como veremos posteriormente.

Vale acrescentar que a escritora é uma estudiosa da História da América Latina e fez uma especialização no México por volta dos anos 1980. Nesse contexto, ela entrou em contato com diversos relatos de opressão contra as mulheres e as formas utilizadas por elas para resistir às opressões. Dito isso, trazemos para nossa análise o texto de Walter Benjamin, que trata das teses sobre a História. Neste texto, Benjamin ressalta que a metodologia da Ciência Histórica lê os acontecimentos a partir do ponto de vista dos vencedores. Aos vencidos, sob esta ótica, só resta o esquecimento. Entretanto, o filósofo defende a ideia de que é preciso uma narrativa que trata o processo histórico em sua complexidade total, ele vai se valer da ideia de imagem-relâmpago, que recupera um acontecimento para que haja uma reformulação da História através do encontro entre a ocorrência e o pensador.

O índice histórico das imagens diz, pois, não apenas que elas pertencem a uma época, mas, sobretudo, que elas só se tornam legíveis numa determinada época. E atingir essa "legibilidade" constitui um determinado ponto crítico específico do movimento em seu interior. Todo presente é determinado por aquelas imagens que lhe são sincrônicas. Cada agora é o agora de uma determinada cognoscibilidade. Nele, a verdade está carregada de tempo até o ponto de explodir. (BENJAMIN, 2012, p.504)

### 3 O CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DE *CARTA À RAINHA LOUCA*

O romance *Carta à Rainha Louca* é narrado pela visão de uma mulher do Brasil colonial. Dito isso, faz-se importante contextualizar a condição feminina e o contexto político no Brasil do século XVIII, enfatizando as questões históricas referenciadas no romance. As mulheres do Brasil colonial em sua maioria eram limitadas à reprodução sexual. Entretanto, nem sempre foi assim.

No período anterior a colonização portuguesa as mulheres indígenas representavam grande força produtiva e proviam o sustento para as suas comunidades e para os próprios colonizadores, que foram bem recebidos por elas em um primeiro momento.

Foi a partir da cultura dos povos ameríndios que os portugueses expandiram suas tendências sexuais. Devido a poligamia dos indígenas, foi fácil para os portugueses começarem a se relacionar com várias mulheres, fato este que, em conjunto com a imposição da divisão sexual do trabalho – imposta pelos portugueses após perceberem que os homens índios eram uma mão de obra promissora –, fez com que a posição do homem branco se elevasse em relação as mulheres. Dentro desse contexto, Freyre afirma “Já aperfeiçoados à poligamia [...] os portugueses encontraram na moral sexual dos ameríndios o campo fácil para expandir aquela sua tendência [...] de viverem com muitas mulheres”. (FREYRE, 2013, p. 61 *apud* BASEGGIO; SILVA 2015, p.2)

Motivados por essa cultura, uma grande tensão se formou na época do Brasil colonial. Por um lado, a coroa portuguesa tinha interesse em multiplicar a população branca da colônia, visando um maior reconhecimento de cidadãos enquanto portugueses, uma vez que eram minoria dentro da colônia formada por quase dois terços de africanos, indígenas, mestiços etc., do outro, um conflito de interesses era gerado para os grandes senhores de engenho que se viam na obrigação de partilhar seus bens igualmente com a grande quantidade de filhos que possuíam, em sua maioria bastardos. Como manobra a driblar esse sistema os grandes barões destinavam seus filhos ao celibato para que ao se tornarem monges e frades pudessem renunciar as heranças. Além dessa forma de burlar o sistema de distribuição de herança, os chefes de família escolhiam uma das filhas para um casamento arranjado com outro rapaz de família nobre a fim de perpetuar o nome de sua casa.

Além disso, devido à religiosidade, os pais de moças solteiras começaram a colocá-las em conventos como forma de restrição sexual ou quando não lhes tinham mais serventia.

Blandina, melhor amiga da nossa protagonista da ficção, Isabel, passa por situação similar ao se ver esquecida em um convento depois de ter perdido sua “honra”, seu valor de troca – sua virgindade – depois de ter mantido relações com Diogo, esse que a usou e em seguida seguiu seu caminho pelo mundo, mostrando como a vida daqueles mais fragilizados era tratada como mera mercadoria.

Dada as circunstâncias, a situação da mulher branca no período colonial podia variar de acordo com seu estado civil, posição geográfica e principalmente social. De maneira geral, mesmo para aquelas mulheres de família mais nobre seu papel na comunidade ainda era bastante limitado, completando os estudos em níveis mais básicos, ficando assim restrito aos homens os cargos com maior autoridade na sociedade. O convento foi a primeira instituição a ser governada por mulheres, trazendo assim uma flexibilidade maior quanto a autoridade pretendida para as

mulheres mesmo que para isso fossem submetidas aos votos santos. Sob essa visão, Burille diz: “Nos conventos, as mulheres podiam exercer até cargos de direção e comando. Contavam com a ajuda dos homens para auxiliá-las na administração, mas eram elas que governavam.” (BURILLE, 2010, p.5 *apud* BASEGGIO; SILVA, 2015, p.2).

Como veremos adiante com mais detalhes, a protagonista Isabel, do romance CRL, é uma mulher branca e portuguesa que descreve a si própria como: “pobre e humilhada que vivo, mulher, destituída de bens, dada por douda e sem contar com varão que me assegure alguma proteção.” Percebe-se que a sua posição social e a sua situação de vida são completamente ruins. Não são iguais as mulheres escravas, mas ela é também silenciada e humilhada. Dito isso, é importante vermos como era a situação das mulheres portuguesas que vieram para o Brasil.

Inicialmente, vinham com seus maridos que eram designados chefes e donos de engenhos e grandes lavouras e, como citado anteriormente, através das práticas poligâmicas, ao chegarem, muitas das vezes encontravam seus maridos com filhos gerados por índias e escravas. Esses as expunham como objetos ou troféus bem-vestidos e não paravam com as tendências sexuais fora do casamento, fato que não era contraposto pela igreja quando comparado as práticas morais e religiosas esperadas pelas mulheres. Responsáveis por trazer os costumes europeus para o Brasil, essas mulheres portuguesas ficaram restritas à vida familiar caso não tivessem uma boa base em sua classe social.

As mulheres muitas vezes tinham uma vida restrita a cuidar dos seus filhos, junto com suas amas escravas. A educação era precária e os costumes eram os que restavam depois de terem deixado a Europa. Aqui encontravam necessidades e dificuldades tanto na vida excluída da sociedade como também na higiene e na alimentação. (BASEGGIO; SILVA, 2015)

Agora que expomos um pouco das dificuldades vividas pelas mulheres casadas, veremos a realidade das mulheres brancas e solteiras, que é a realidade vivida pela protagonista do romance em análise. Essas mulheres eram obrigadas pela família a adotarem práticas de exclusão social ou quando engravidavam fora de um casamento eram expulsas e deixadas na rua. Isso se deu pela influência religiosa vinda de Portugal, as práticas que antes eram permitidas passaram a ser vistas como pecado.

Basta ver que no Brasil de 1650 não existiam tabus como o da virgindade obrigatória até o casamento. Quebrado em tempos modernos, esse tabu ainda estava por nascer em 1600, e até o século XVIII era difícil achar alguém que se casasse sem antes ter tido relações sexuais. Mas o motivo era bem diferente do atual. É que, naquela época, ter filhos era muito importante. A mulher precisava provar ao homem que era fértil, engravidando antes do compromisso, uma regra consentida por toda a comunidade, inclusive pela Igreja, desde que tudo terminasse em casamento. (ALVES, 2011, p. 13 *apud* BASEGGIO; SILVA, 2015, p. 7)

A procriação era vista como uma responsabilidade e um dever das mulheres, uma vez que a reprodução da mão de obra era essencial para a economia colonial baseada na agricultura,

comportamento esse que se alinhava aos interesses da Igreja Católica, que usava os textos religiosos como balizadores. Para as mulheres que não se encaixavam nesse perfil mais adestrado pelo sistema, lhes restavam atribuições ainda mais simplificadas quando não viam apenas a prostituição como um caminho.

Desprovidas de fortuna ou prestígio social, a pele mais clara poderia ser um elemento restritivo adicional, pois na mentalidade vigente não era socialmente concebível que adotassem ocupações consideradas aviltantes e próprias de escravas. Restavam as ocupações intermediárias de costureiras ou fiandeiras, ensinando o ofício quando conseguiam alunas, e assim usando o recurso de formas dissimuladas de prostituição. (CAMPOS, 2007, p. 7 apud BASEGGIO; SILVA, 2015, p. 7)

De acordo com Del Priore (1993), o pecado de Eva causou uma reação que afetou todas as mulheres, estas passaram a ser consideradas um poço de pecados e, portanto, para que esses pecados não afetassem a moral e a sociedade era necessário dominá-las, domesticá-las.

Para alguns teólogos, Eva não teria sido feita à imagem e semelhança de Deus, mas a partir de Adão; assim sendo, consideraram-na mera projeção da criação divina. Essa distinção e gradação entre o homem – dotado da imagem divina (imago) –, e a mulher – detentora apenas da semelhança divina (similitudo) –, para eles constituía uma prova da ‘inferioridade natural’ do sexo feminino. (MACEDO, 2002, p. 66.)

Isso deu a ideia de que as mulheres eram seres a serem contidos pelo bem da sociedade. Daí vemos os esforços de exclusão social crescerem ainda mais com a chegada e consolidação da Igreja Católica no Brasil colonial. Tal exclusão era legislativamente reforçada através de um sistema que visava colocar a mulher num local de submissão ao seu marido. Um claro exemplo disso é que “Na época colonial a mulher arriscava-se muito ao cometer adultério. Arriscava, aliás, a vida, porque a própria lei permitia que “achando o homem casado sua mulher em adultério, licitamente poderá matar assim a ela como o adúltero”. (PRIORE, 2004, p. 48.)

Ainda valendo-se de Del Priore, ela alerta que a Igreja oferecia os argumentos ideológicos que davam sustentação à monarquia e à forma de controle sobre a sociedade. Nesse âmbito religioso, a protagonista de CRL, Isabel, nos revela em diversas passagens do romance a hipocrisia desse ambiente, algo que se pode comprovar na realidade histórica. Uma vez que a Igreja condena atitudes luxuriosas e sexuais, espera-se que as freiras cumpram com seus votos de castidade e pureza, entretanto, era comum que as religiosas mantivessem relações sexuais. Como afirma a autora supracitada:

Desenvoltas e muito bem-informadas sobre o que se passava fora do convento, as freiras mantinham contato permanente e íntimo com o mundo externo. Demasiado íntimo, aliás, pois uma legião de homens, apropriadamente chamados de “freiráticos”, cultivava naquela época a vaidade de seduzir freiras. (PRIORE, 2004, p. 57)

#### 4 ANÁLISE DO DISCURSO DE CRL: AS “RASURAS DE ISABEL”

presentes no texto ficcional, mapeando assim as formações ideológicas em embate na arena discursiva formada pelas diversas “vozes ficcionais”, desvendando assim as construções de significado presentes na narrativa literária.

A ADL busca entender a linguagem presente em uma comunicação, que vai além das palavras escritas e dos elementos claramente expressos, devendo ser observado muito além de suas entrelinhas, ela reconhece que essa linguagem é moldada por influências históricas e sociais, o que implica que a Análise do Discurso deve considerar uma ampla gama de fatores relacionadas a esses aspectos, e até mesmo experiências pessoais da vida do autor, para que sua experimentação seja completa, uma vez que tais experiências são utilizadas como matéria ficcional a ser representadas no corpo das obras.

Desse modo, a ADL busca compreender a multiplicidade de significados exposta pelo discurso literário, que revela o quanto os indivíduos são influenciados por ideologias em um nível subconsciente. Como sugere Pêcheux:

Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, portanto, linguisticamente descritível como uma série (com base em vocabulário e sintaxe) de pontos de possíveis interpretações, proporcionando espaço para a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso. (PÊCHEUX, 2008, p.53)

Fica postulado que um indivíduo possui uma formação ideológica expressa por uma formação discursiva, se alinhando à perspectiva da ADL. Ao utilizar essa metodologia na obra *Carta à Rainha Louca* somos levados a examinar seu contexto de elaboração, indo além do que está explicitamente declarado na sua redação, uma vez que o trabalho da autora possui exímio capricho ao detalhar com riqueza as descrições históricas da obra. Como discutido, o sujeito é influenciado pela formação discursiva à qual pertence, ao mesmo tempo em que afeta e influencia outros sujeitos por meio de sua comunicação.

Vejamos um exemplo retirado do romance:

Mas eu, por mim, digo que mais loucas e enganadas pelo Maligno são elas que se deixam prender, maltratar e tosar como ovelhas, caladas, que a tudo se submetem. Mais loucas ainda estão as que deviam ser as mais dignas, aquelas que têm a autoridade neste Recolhimento, fazem-se chamar Madres pelas demais e deveriam protegê-las, conhecer seu lugar e pelejar pela verdade, mas fingem júbilo quando aqui aparecem os lobos vorazes que se apresentam como seus benfeitores e, sem lutar, deixam esvaír-se a vida como se muitas vidas tivessem. Loucas, tolas, sim, são as que jamais gritam.<sup>1</sup>(REZENDE, 2019, p. 7).

No trecho em questão a protagonista denuncia a hipocrisia dentro do convento ao qual está trancada, se vendo obrigada a riscar partes do seu texto como uma forma de autocensura, por medo de represálias ao mesmo tempo em que contesta a sua própria sanidade. Isso pode ser definido como uma paratopia de identidade, como explicado por Renato de Mello (2005): “a

<sup>1</sup>Diversas passagens do texto aparecem “riscadas”, reproduzindo o ato da personagem de se autocensurar, por motivos vários. Portanto, sempre que reproduzirmos essas passagens, elas ficarão como no original.



paratopia de identidade – familiar, sexual ou social – oferece todas as imagens de dissidência e da marginalidade, literal ou metafórica: meu grupo não é meu grupo.” Ou seja, Isabel não se reconhece nesse grupo de mulheres do Recolhimento, muito menos se reconhece no papel social reservado às mulheres, que é o de submissa e desprovida de inteligência. Ao mostrar que está ciente da forma como os outros a sentenciam, Isabel confere um tom irônico às alterações que faz em sua crítica, deixando perceptível através da construção dessas rasuras as hipocrisias da época colonial no Brasil. Sua coragem fica evidente ao criticar abertamente a coroa. Mesmo com as correções presentes no texto sua leitura ainda é mantida, sugerindo implicitamente o desejo de que esses fragmentos sejam lidos.

Evale demonstrar que não é por acaso que a autora escreve determinada ideia, como no caso das rasuras de Isabel, que podem parecer uma espécie de erro de escrita à primeira vista, mas são, na verdade, uma escolha consciente da melhor maneira de expressar suas ideias e sentimentos. Isso cria um contraste com a possibilidade de o trecho ser completamente apagado tipograficamente, em vez de apenas ser riscado.

Enquanto a utilização da linguagem cotidiana requer uma estrita obediência de sua estrutura – deve-se enquadrar o pensamento nas estruturas linguísticas, para que haja uma perfeita comunicação -, a linguagem literária não obedece a qualquer regra estrutural fixa. O autor, que se utiliza dessa linguagem, não é obrigado a emoldurar seus pensamentos nas estruturas linguísticas; ele é livre para escolher e criar uma estrutura própria, que lhe proporcione uma clara expressão de seus sentimentos e ideias. Assim, construindo o texto de acordo com seus próprios desejos, o escritor consegue que sua criação tenha um novo valor – passa da simples utilização comunicativa da linguagem à uma utilização artística da mesma – e um novo poder. (MELLO, 2005, p. 40)

Em concordância com isso, Fonseca afirma que o discurso literário se molda por meio de um trabalho intencional com a linguagem, ou seja, as rasuras de Isabel possuem um propósito, que pode ser entendido como o de demonstrar a consciência da personagem acerca das injustiças sociais que a rodeiam, uma consciência tão profunda que ela sabe que precisa se silenciar para não ser julgada ou novamente considerada louca.

O discurso literário pode ser entendido como uma prática que explicita um trabalho intencional com a linguagem, elaborado por um sujeito situado num contexto cultural, numa cenografia, como quer Maingueneau, o qual, no entanto, não se fixa em nenhum desses lugares. (FONSECA, 1999, p. 264)

A história de Isabel, a protagonista de CRL, é narrada em diversas “cartas” escritas por ela com a intenção de chegar às mãos e olhos da rainha de Portugal, Maria I. A narrativa é dividida em quatro partes, cada uma intitulada pelo ano correspondente ao período de redação de cada carta de Isabel. Os anos vão de 1789 a 1892.

Na primeira parte (1789, ano da Revolução Francesa e de nossa Inconfidência Mineira), a

personagem conta estar presa injustamente e a sua carta é direcionada à Maria I, rainha de Portugal apelidada de “a Louca” – daí o nome do romance– e, apesar dos devaneios mentais que podem ser percebidos no decorrer dessa primeira parte, podemos perceber também que o discurso de Isabel toma como verdade que ela de fato é indigna de direitos, inclusive o de se dirigir à Maria I. Essa adoção consciente da alcunha de “louca” por Isabel permite que a personagem fale sem precisar se preocupar em aparentar uma sanidade pretensiosa e obedecer aos códigos morais da sociedade dita “normal”:

Perdoai, Vossa Majestade Fidelíssima, a esta mulher - enlouquecida pelas penas do amor ingrato e de grandes vilanias cometidas por aqueles que se creem mais poderosos do que Vós mesma - por vir-Vos interromper, com o relato de seus sofrimentos de mínimo relevo, em Vossas orações e em Vossos atos régios tão urgentes para Vosso Reino e para aquele de Deus. (REZENDE, 2019, p. 9)

Como já citado por Schollhammer (2009), percebe-se, logo na primeira parte do livro, uma reescrita da ideia do que foi o Brasil colonial, denunciando através das rasuras tudo aquilo que a coroa portuguesa praticava de injustiças contra o povo e principalmente contra as mulheres.

A escrita de Isabel, apesar de ser usada para se defender, serve também para reconstruir sua história, de forma desordenada a princípio, começando pela chegada de seus pais no Brasil e percorrendo sua vida até o que resultou sua prisão, no caso, uma acusação de criar o próprio convento. Como dito anteriormente, Isabel também se toma como indigna e chega a chamar a si própria de “louca”, termo utilizado por aqueles que a prenderam e a desmereceram. Podemos perceber pelo discurso assumido pela protagonista que ela se identifica e se aproxima da Rainha pela condição de mulher ou “fêmea”, como descrito por ela. Através de uma crítica feita por ela em relação a essa condição feminina, percebe-se, então, uma consciência de que todas as mulheres, independentemente de classe social ou localização, sofrem com a sujeição feminina sob o jugo do patriarcado. Entretanto, após essa crítica, novamente Isabel se silencia, pedindo desculpas por acreditar que alguém na sua posição social não deveria expressar esse tipo de pensamento, nisso percebemos uma dualidade entre o relacionamento de Isabel e a Rainha. Ao mesmo tempo em que elas, na concepção de Isabel, se nivelam e se aproximam por serem mulheres, elas se distanciam pela posição hierárquica distinta de ambas. Uma é Rainha e a outra apenas uma súdita desconhecida.

Na visão de mundo expressa por Isabel, as diferenças de classe e hierarquia podem e devem ser superadas pela condição que torna toda mulher “igual” a outra: o sistema de opressão patriarcal que submete todas as mulheres a um processo de inferiorização e objetificação. Essa defesa vital da “sororidade” expressa pela personagem Isabel é uma das marcas contemporâneas que podem ser percebidas na construção do romance de Rezende.

## 5 A ESCRITA COMO OBJETO DE TRANSFORMAÇÃO

A escolha da escrita do romance por meio de cartas não se dá por mera coincidência, a forma privilegiada de escrita é característica da época setecentista, a igreja detinha o domínio dessa arte bem como a elite da época que a dominava, elite essa formada em quase sua totalidade de homens brancos, ligados ao latifúndio, à Coroa ou à Igreja.

Como denuncia em suas cartas a narradora-personagem, as brechas que esse domínio trouxe para Isabel são o que lhe permitiu sobreviver em meio a essa sociedade de exclusão.

Fazendo-me de macho, dotado do talento da escrita bela e escorreita, munido de folhas de papel, uma boa pena de metal, um frasco de tinta e lacre furtados do convento, mais alguns sinetes que talhei em madeira, muitas vezes me aventurei pelas ruas e tavernas, a ganhar tostões às custas dos iletrados senhores, sempre necessitados de quem lhes escrevesse cartas, petições, contratos e testamentos, falsos ou verdadeiros, e versos indecentes para presentear suas marafonas. (REZENDE, 2019, p. 100)

Essa oportunidade de aprender a ler e escrever foi devido à proximidade de Isabel com Blandina, que tinha aulas com o padre-mestre. O ensino era totalmente destinado à Blandina, por ser alguém com posição social suficiente para merecer esse conhecimento. Entretanto, Isabel espiava as aulas e foi adquirindo esse conhecimento, mais interessada e capacitada que a própria Blandina.

Além disso, como objeto de registro histórico e cultural, Isabel solidifica suas denúncias sociais por meio de suas cartas e não apenas isso, demonstra a capacidade intelectual e cultural que possui, tanto por escrever diretamente à Rainha, quanto por fazer parte de uma minoria detentora da capacidade de escrever, indo contra todas as afirmações degenerativas feitas contra ela e as demais mulheres – principalmente aquelas de baixa classe social -, taxadas como burras e incapazes. Por saber que jamais seria ouvida pelas figuras de autoridade, Isabel encontra na escrita e nas palavras uma forma de assegurar seus direitos.

pois certamente não sois Vós ímpia como os senhores dos engenhos e clérigos de Pernambuco e da Bahia e das Minas Gerais, incapazes de ver as mulheres como almas cristãs, irmãs da Virgem Maria Mãe de Deus, e usam-nas segundo seus lúbricos desejos, sua infinita ganância e, tanto às suas próprias mulheres quanto às suas escravas e às mulheres dos outros, tratam nas como simples fêmeas brutas, matrizes úteis apenas para lhes fazerem mais filhos e escravos. (REZENDE, 2019, p. 44)

A escrita pode ser considerada o maior ato de resistência de Isabel, uma vez que era considerado heresia uma mulher que buscasse o aprimoramento intelectual, sendo o motivo que fez necessário que Isabel se travestisse de homem. Como destaca Élisabeth Badinter (2003), “[d]o século XVII até o fim do século XIX, a mulher erudita é constantemente ridicularizada e tudo se faz para que ela não exista”. (2003, p. 68)

A trajetória de Isabel atenta contra o *status quo* colonial e o patriarcado, produzindo essa reação dos poderes dominantes diante dela, aprisionando seu corpo e calando sua voz, enfim, produzindo seu apagamento social. O fim do romance é marcado pelo definhamento físico e psicológico de Isabel na cela de uma prisão, após ser condenada por abrir um convento clandestino, uma acusação injusta, visto que a protagonista possuía apenas um local de ajuda aos mais necessitados, fato esse que a fez receber a alcunha de Isabel das Santas Virgens. Dito isso, as cartas de Isabel das Santas Virgens tomam uma importância e relevância ainda maior, pois criam suas próprias regras dentro de uma sociedade feita para apagar sua existência e não permite que a sua história e a realidade vivida pelas mulheres sejam apagadas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao narrar sua história, Isabel das Santas Virgens faz um relato não só das mulheres esquecidas no período colonial, mas um manifesto das outras minorias que também são relatadas na obra em questão. Através do maior dom que recebeu em vida, a personagem garante com a sua escrita não só a denúncia para a Rainha D. Maria I, mas a perpetuação de seu manifesto contra o sistema colonial brasileiro, sendo através da escrita a sua maior imposição como mulher participante da sociedade, e como consequência disso vindo a se tornar alguém com pensamentos desviantes. Portanto, ao analisarmos a obra de Rezende é possível perceber que o discurso de Isabel é constantemente influenciado pela sociedade em que está inserida, desde suas rasuras - que contêm uma consciência de que a sociedade considera tais palavras e pensamentos como inadequados, inoportunos ou “insanos” – até mesmo a dualidade existente entre ela e a Rainha, próximas pela condição de mulher e distantes pela condição social.

O romance *Carta à Rainha Louca* nos sensibiliza ao trazer o ponto de vista de uma mulher do século XVIII, oprimida e condenada, e ao permitir que ela seja a protagonista da sua própria história e do seu próprio discurso ideológico, que funciona no macrocosmo político e social em que ela se inclui como um contradiscurso. No final da última carta, Isabel nos mostra um amadurecimento e uma consciência de que tudo o que passou não foi sua culpa e recorre à Rainha para que ela possa “testemunhar de que modo, por nenhum crime vim eu aqui parar”. (REZENDE, 2019, p. 112)

Por fim, pretendemos através desse trabalho ampliar o debate acerca da importância da escrita literária das minorias sociais e a importância dessas minorias reescreverem a memória nacional com suas próprias vozes.

## REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Émilie**: a ambição feminina no século XVIII. São Paulo: Discurso Editorial, Duna Ducto, Paz e Terra, 2003.

BASEGGIO, J. K.; SILVA, L. F. M. da. **As condições femininas no Brasil colonial**. Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI, Indaial, v. 3, n. 1, 2015. Disponível em: [https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/HID\\_EaD/article/view/1379/528](https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/HID_EaD/article/view/1379/528). Acesso em: 24 set. 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012

BOSI, A. **Dialética da colonização**. 3.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. 1990. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990. . Acesso em: 10 out. 2023.

\_\_\_\_\_. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

FONSECA, M. N. S. Análise do discurso literário: pontos de vista e controvérsias. In: MARI, H. **Fundamentos e dimensões da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 1999, p. 259 – 268.

ITAÚ CULTURAL. **Maria Valéria Rezende**: 30 anos de pesquisa. (Depoimento e imagens gravados em maio de 2017; vídeo postado em 9 set. 2020) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z0YpPWa6N6Y> . Acesso em: 19 set. 2023.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MARCHELLI, Paulo Sérgio. **As minorias alfabetizadas no final do período colonial e sua transição para o império**: um estudo sobre a história social e a educação no Brasil. Educação Unisinos, S. Leopoldo-RS, v. 10, n. 3, p. 187-200, set.-dez. 2006. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/6060>>. Acesso em: 19 set. 2023.

MORAES, Camila. **Maria Valéria Rezende**: "As pessoas pensam que freiras são bobinhas. Como podem escrever literatura?". Entrevista concedida por Maria Valeria Rezende ao jornal El País. 24 fev. 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/20/cultura/1487625634\\_391058.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/20/cultura/1487625634_391058.html)>. Acesso em: 19 set. 2023.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: Estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 2008

REZENDE, Maria Valéria. **Carta à Rainha Louca**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019

SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais**: introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2015.

SCHOLLHAMMER, K. E. **Ficção Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009.

TEIXEIRA, Arielle. **Carta à Rainha Louca**: A astúcia de uma fêmea como forma de insubordinação. Universidade Federal de Goiás – UFG, Revista Contemporânea, v. 3, n. 8, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/1555>. Acesso em 20 nov. 2023.